

Juventude: Protesto ou Acomodação?

A década de 60 terminou sob o ruído revolucionário da juventude. As universidades americanas foram agitadas por ondas juvenis que enfrentaram o poderoso Pentágono em surpreendente campanha contra a guerra no Vietnam, contra o racismo, contra as estruturas esclerosadas das universidades. A juventude francesa transformou o país em ruidoso campo de guerra, ameaçando o regime do General De Gaulle. A juventude tomou a palavra (M. de Certeau), obrigando os analistas políticos a questionar o poder revolucionário da classe operária e levando-os a ver na juventude um ator transformador da realidade. Apesar da derrota do movimento de maio de 68, a França, depois dele, nunca mais será a mesma.

No Brasil, a juventude da Ação Católica desenvolveu uma atividade pastoral vigorosa no meio operário e estudantil. A JUC marca presença significativa no meio universitário. Inicia com uma crítica religiosa à sociedade global caminhando para uma crítica política cada vez mais contundente com amplo envolvimento na vida política do país. Em 1961 um jucista é eleito, depois de dura disputa com as forças de esquerda não-cristãs, presidente da poderosa UNE.

O meio estudantil agita-se em movimentações freqüentes contra o regime militar instalado no país em 1964, chegando, por ocasião da morte do secundarista Edson em 1968, a organizar uma passeata de protesto de mais de 100 mil pessoas. Muitos jovens partiram para a clandestinidade, fazendo parte de organizações armadas, até serem desbaratados pela sanguinolenta repressão militar. Era o auge do "poder jovem" (A. J. Poerner).

Tudo isso foram sonhos? Acabou toda essa febre juvenil? Na Igreja, em lugar das JEC, JUC, JOC, surgem movimentos espiritualistas, que se inspiram, em grande parte, em organizações de adultos mais preocupados em encontrar um sentido para a vida pessoal que transformar uma realidade estruturalmente injusta. Na política, assistimos a um desinteresse acintoso em relação às organizações estudantis, que, em busca de alguma popularidade, entregam-se a programas de turismo, lazer e atividades culturais inocentes.

Em torno ao Projeto Pastoral "Construir a Esperança" da Arquidiocese de Belo Horizonte, fizeram-se pesquisas que revelam que os rapazes na faixa etária de 14 a 18 anos deixam de freqüentar a Igreja e que as meninas o fazem em idade ainda mais jovem, entre 10 e 14 anos. Para muitos jovens, a Primeira Comunhão ou a recepção do Sacramento da Crisma significa a despedida da prática eclesial. As pastorais da juventude sofrem de raquitismo.

No final da década de 70, Puebla quis despertar a Igreja do continente para o mundo dos jovens, ao fazer solenemente a opção preferencial pelos jovens, ao lado da opção pelos pobres, posto não seja do mesmo nível pastoral. A opção pelos pobres vingou, alimentou e continua alimentando o agir pastoral da Igreja, enquanto a opção pelos jovens persiste, sendo mais um sinal interrogativo que exclamativo.

O mínimo que se pode dizer é que há um desencontro entre as aspirações dos jovens e as ofertas e propostas da Igreja. Desencontro tanto mais crucial quanto as iniciativas se multiplicam, mas terminam fracassando.

Analistas sociais, pedagogos, psicólogos, curiosos da cultura debruçam-se sobre esse mundo jovem e tentam entender o que se está passando no seu interior em busca de uma ponte para essa margem misteriosa.

Já é proverbial falar dos diversos Brasis. Podem-se mencionar também as muitas juventudes que os habitam. O Brasil da marginalidade miserável caminhando para a criminalidade está gestando cada dia uma juventude de marginais do roubo, da droga, dos assaltos, da violência armada, da delinqüência. O Brasil da pobreza crescente, sem horizonte de saída, dilapida física e psicicamente o patrimônio da juventude, tornando-a incapaz de construir um futuro melhor. Uns acomodam-se na pobreza, outros sofrem-na fatalisticamente. O Brasil da pós-modernidade engendra um novo tipo de juventude "dorée". Os jovens do "ora isso, ora aquilo", que terminam definindo-se por um niilismo global, povoado de "cacos de sentido" e profundamente desencantado com as ilusões da modernidade, a racionalidade capitalista e o primado da subjetividade individualista. Nada os fascina, nada os compromete, nada lhes empenha a energia. Divertem-se com a existência, como num jogo de azar, ou como num gigantesco video-game colorido, em que o bonequinho dispara saltitando pelos obstáculos, ora superando-os, ora sendo deglutidos por eles, numa absoluta indiferença pelo resultado. Com simples apertar do botão, tudo começa de novo.

Próximos a este tipo de jovens, há outros que se sentem presos na engrenagem da racionalidade fria, tecnológica da produtividade e concorrência sem humanidade. Desgastam-se, angustiam-se, tornam-se inseguros diante deste gigantesco Leviatã.

Há uma réstea de Brasil que ainda vive a esperança. Há jovens que sonham, que esperam, que buscam criar algo novo. Uns encaminham seus sonhos para realizações imediatas, rápidas. Querem fugir ao sem-sentido, ao anonimato da urbanização agressiva, à frialdade da tecnologia, criando "ilhas da

fantasia" afetiva. Criam comunidades de relacionamento, de compreensão, de acolhimento, à sombra ou da religião ou de alguma associação beneficente. São os Rotarys jovens, as comunidades afetivas dos novos movimentos religiosos, os grupos de jovens de mútuo apoio. Não ultrapassam o horizonte de seu mundo jovem. Põem entre parênteses a realidade social. Participam do desencanto da geração de seus pais que lutaram tanto para transformar esse mundo nas décadas anteriores e o deixaram ainda mais instalado no seio do capitalismo triunfante. Vivem, pelo menos, a esperança de um "cantinho de mundo" para eles, uma ilha de natureza pura na poluição geral e ecocida.

Nenhum movimento morre totalmente. São antes incêndios que depois do arrefecer das chamas escondem-se, perigosos, nas brasas ardentes, sob a cinza do esquecimento da publicidade. No mundo moderno nenhuma notícia resiste muito tempo em primeiro plano de publicidade, ainda que a realidade persista. Vive-se numa estonteante farândola de manchetes que vão levando a atenção para os "faits divers", segundo ritmo cada vez mais alucinante e menos objetivo, sério e profundo. Comprometer-se com a luta pela justiça, por uma transformação da realidade já não é mais notícia. Foi-o em décadas anteriores. Hoje triunfam o esoterismo, o sensacionalismo de relações com o além, as histórias dos magos, as Bidas, os alquimistas, os búzios, as leituras aventuradas e adivinhadas do futuro.

Entretanto, continua a existir uma pequena juventude que teima em pensar um Brasil "sem medo de ser feliz", não pelas aventuras individualistas, mas sim pela via de projetos de caráter social, participativo, comprometido com a criação de condições de dignidade humana para todas as pessoas.

A pastoral da Igreja situa-se nos inícios da última década do século XX em face a essa juventude plural. Não tem condições de conseguir ela sozinha a panacéia para tantas patologias. Contudo, sem exagerar, apoiados em repetidas pesquisas de opinião, podemos afirmar que ainda dispõe a Igreja católica de enorme força convocativa. Convocar é iniciar. Convocar é dar o tiro de partida. Na corrida podem participar todos os que quiserem e dispuserem de energias vitais para tal. Nesse momento de obscuridade em face da realidade do país, que afeta mais profundamente a juventude, a Igreja vê-se solicitada a empreender a tarefa pastoral convocatória.

Nessa convocação, o primeiro e maior desafio é a juventude, e mais ainda, a infância da marginalidade em vias de tornar-se "marginal" no sentido mais pesado do termo. O exército de educadores, os recursos ingentes investidos na educação, uma larga e multissecular experiência de contacto com o submundo da miséria que a Igreja possui credenciam-na para lançar-se numa cruzada pela educação de base para esses milhões de crianças e jovens abandonados.

Na década de 60, o MEB, criado e orientado pela Igreja, desempenhou papel importante na educação de base, se bem que fosse na área rural. Hoje a crescente urbanização do país, feita desordenada e desestruturadamente, lança crianças e jovens, aos milhões, nas sarjetas em condições mínimas de

vida, de humanidade, de saúde, de educação. Eis gigantesco desafio à capacidade e tradição educativa da Igreja, em vez de concentrar suas forças nas classes abastadas. Só assim a Igreja prestará serviço eficiente para a eliminação da criminalidade infantil e juvenil, superando a simples eloquência e vacuidade do discurso.

O deposto presidente do Haiti, P. Aristides, ao tomar posse, prometera ao povo, imerso na mais vergonhosa miséria, a meta de uma pobreza digna. De fato, o oposto evangélico da pobreza-miséria não é a riqueza, mas a dignidade humana na justiça. A juventude submetida à pobreza indigna e explorada tem direito de esperar da pastoral da Igreja uma ação em vista da melhoria da qualidade humana da existência para que ela atinja patamares dignos e justos. A educação popular na perspectiva evangélica não significa uma simples promoção humana em direção à riqueza, à mera saída da classe dos oprimidos, que freqüentemente termina em não menos escandalosa cooptação pelo sistema dominante. A dignidade, a justiça, a solidariedade com os companheiros de classe e sorte, pertencem intrinsecamente ao movimento promocional da educação popular da juventude em nosso continente. Nessa perspectiva, nesse ano da Campanha da Fraternidade pela juventude proclamado pela Igreja do Brasil, a muitas obras educativas impõe-se uma revisão profunda em ordem a ir criando uma sociedade alternativa e não simplesmente a engrossar o adiposo sistema capitalista nas suas desumanidades.

Enormes energias de nossa pastoral defrontam-se com a crescente onda de jovens pós-modernos. Muitos deles anseiam por encontros comunitários, mas fugazes, momentâneos, "infinitos enquanto duram". Refugam o compromisso, a comunidade enquanto vínculos exigentes, que pedem um cotidiano constante, um compromisso além de satisfações rápidas e fugidias. Entregam-se ao "pensamento débil" (G. Vatimo), que lhes libera a pessoa e o viver em face do pulverizar-se das verdades, dos valores, das ideologias, privilegiando então as necessidades consumistas à ética. Introduzem a perigosa ruptura entre uma razão esclarecedora e as ações práticas, assumindo-as em descontinuidades éticas sem referencial último, transcendente.

De novo, autores insuspeitos de devoção à Igreja (L. Moulin) reconhecem a maravilhosa experiência comunitária, séria, exigente, prenhe de riqueza humana, de instituições religiosas da Igreja. É o momento de garimpar no meio juvenil as gemas comunitárias, lapidá-las com o esmeril da seriedade do compromisso com a própria comunidade juvenil e desta com a comunidade social maior. Romper o cerco compensatório e auto-referente das experiências fechadas e abri-las sobretudo para a dureza da realidade dos irmãos menos favorecidos impõe-se como exigência evangélica de uma pastoral da juventude.

Entretanto, pode haver um tipo de jovem resistente e rebelde a qualquer compromisso, pelo menos, no início de sua caminhada de busca de sentido. Tão mergulhado nas águas profundas da pós-modernidade niilista, para a qual a verdade, o bem, o outro são signos relativos, despojados de qualquer injunção

absoluta, sofre este jovem suportar o peso da responsabilidade de laços comunitários.

Resta-lhe o caminho da proximidade pessoal da pastoral do atendimento personalizado. Vários nomes e formas a definem: aconselhamento, orientação espiritual, direção pessoal, acompanhamento; todos, porém, visam a um objetivo final único: Arrancar o jovem de sua solidão buscada e curtida, por meio de paciente despertar das raízes profundas de alteridade, lançadas em todo coração humano pelo ato criativo da Trindade. Descer até essas fontes primeiras do ser e fazê-las irrigar o terreno desértico dos corações jovens continuam sendo desafios postos à nossa criatividade pastoral.

Nesse desencanto generalizado e na perda de referências significativas globais no mundo jovem, assalta a pastoral da Igreja e as facções políticas a fácil e ilusória saída para o neoconservadorismo até as raízes do fascismo, numa tentativa de construir um monolitismo doutrinal e prático em oposição ao pluralismo crescente e desnorteante. Essa pretensa solução pode apresentar frutos rápidos e imediatos, mas preparará talvez crises maiores e desilusões mais dolorosas. Ela se fundamenta na rejeição radical da modernidade em verdadeira atitude de avestruz que pretende resolver o problema desconhecendo-o e transformando a Igreja no espaço das cassandras e das sinistroses, ou na caserna de oficiais autoritários.

A alternativa é ouvir a juventude, cada vez mais plural na sua configuração interna e sempre em movimento a novas idéias, experiências, práticas. E dessa atitude brotará necessariamente uma pastoral pluralista, diferenciada e questionadora de quadros tradicionais. Descobrir no jovem o sacramento do novo é desafio e exigência para uma Igreja que reza ao Espírito pedindo que "renove a face da terra".

Sim: a juventude de 60 foi de protesto. A juventude de 90 está paralisada em face da monstruosidade do sistema vigente. Mas no coração de ambas estão as mesmas energias, as mesmas possibilidades. Lá a situação de abalo da louca guerra do Vietnam, as perspectivas da possível e sonhada sociedade socializante acenavam para o entusiasmo juvenil. Hoje se viu terminar uma guerra assassina no Golfo como um grande video-game, as tentativas de realizar o sonho socialista fracassaram. Surge, porém, no horizonte, livre da estéril e altamente manipulada polêmica entre o Leste e o Oeste, o verdadeiro fosso que separa os homens: a escandalosa diferença socioeconômica. E de dentro da consciência dessa nova situação, a juventude do Brasil e do Mundo pode levantar-se para criar uma nova sociedade, já não mais para abraçar o Leste e Oeste, mas sim para romper definitivamente a monstruosidade da fome, da miséria, da morte, da violência, do crime, da guerra, do racismo, da devastação da natureza, da dominação masculina. Tantos desafios quantas bandeiras possíveis. Só faltam mãos jovens para empunhá-las.